



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Falsas polêmicas

O cineasta Glauber Rocha e o jornalista Paulo Francis se conheceram por meio de um duelo. Francis era crítico de teatro na Última Hora, no Rio, e escreveu um texto desancando o trabalho desenvolvido pelo diretor Martim Gonçalves em Salvador, a quem acusava de provincianismo.

Glauber tinha pouco mais de 20 anos, era ilustre desconhecido fora de Salvador, mas tomou as dores de Martim, publicou o artigo **‘Tope a parada, mister**

Francis, no Suplemento Dominical do Jornal do Brasil, editado por Reynaldo Jardim. E provocou Francis a conhecer o trabalho de Martim em Salvador: “Por sermos baianos, não somos cretinos como você pensa. A fonte da juventude não está nos bares e muito menos nesta angústia diária de ler jornais estrangeiros e aspirar Nova York ou Paris e se frustrar novamente em sua profissão de crítico, que seria digna caso fosse honesta e interessada no seu país. Como pode, então, uma pessoa acusar outra de diligente e alienada, se ela mesma acha que o centro do mundo é o Rio ou São Paulo”.

Francis considerou o artigo tão bem escrito que não respondeu e ficou amigo de Glauber até o fim da vida. Imagine nos dias de hoje alguém que se torne amigo de outro por causa de uma

divergência cultural ou política. É algo completamente improvável. Lembrei-me do embate por causa das falsas polêmicas que nos assolam. No caso de Glauber e Paulo Francis, estava em jogo o debate ainda atual sobre a dominação dos grandes centros urbanos sobre os centros regionais.

Nós temos uma tradição de grandes polemistas: Oswald de Andrade, Gilberto Freyre, Nelson Rodrigues, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, José Guilherme Merquior. A campanha de Nabuco pela abolição é memorável.

E, no campo da música popular, o duelo de Wilson Batista e Noel Rosa girou em torno do tema da malandragem: “Malandro é palavra derrotista/que só serve pra tirar todo valor do sambista/proprio ao povo civilizado/não chamar de

malandro/e sim de rapaz folgado”.

E, para puxar para o presente, é possível serem chamadas de polêmicas as batalhas poéticas dos rappers nas praças. Elas compõem um balé de inteligência, improviso e verve. Mas não é possível dizer o mesmo sobre as falsas pendengas atuais. A imprensa tem feito um trabalho muito importante durante a pandemia. Se não fosse ela, aliada à ciência, a situação seria ainda mais grave.

No entanto, parece-me que alguns colegas se equivocam em qualificar de polêmicas atitudes e manifestações que são expressões apenas de ignorância, falta de educação, tolice, insciência, estupidéz ou asnice. Com isso, papalvos de carteirinha são alçados à condição de grandes polemistas. Ganham o status de grandes intelectuais.

Eu pergunto: o que há de polêmico em praticar racismo, desmontar estruturas de fiscalização do meio ambiente, atacar as mulheres covardemente, negar a singularidade dos povos indígenas, fazer manifestações contra a democracia ou recusar-se a usar a máscara em uma pandemia? O que tem de polêmica a atitude do ministro da Saúde de falsear dados sobre a morte de crianças vacinadas? Nada. É, simplesmente, uma mentira perigosa.

Precisamos reabilitar a dignidade das palavras. Contendas que não tenham nenhuma ideia jogo não podem ser nomeadas de polêmicas. O primeiro passo é chamar os fatos pelo seu nome verdadeiro. Como diria o polemista Rui Barbosa: “Em vez de evoluir, retrogradamos”.

» Entrevista | ALEXANDRE NIKOLAY | MÉDICO PEDIATRA

Coordenador da Emergência Pediátrica do Hospital Santa Lúcia fala sobre a importância da imunização infantil contra a covid-19 e a respeito das fake news que envolvem o tema. Para especialista, desinformação causa receio nos pais

Vacinar criança para frear pandemia

» YASMIM VALOIS*

Entrevistado no CB.Saúde — programa em parceria do Correio com a TV Brasília — pelo jornalista Vicente Nunes, o médico pediatra e coordenador da Emergência Pediátrica do Hospital Santa Lúcia, Alexandre Nikolay, reforçou a importância da prevenção contra a covid-19 e destacou a vacinação das crianças para frear o avanço da pandemia. O profissional da saúde esclareceu sobre a importância da imunização infantil: É por isso que as crianças tomam vacinas nos primeiros anos de vida para evitar mortes e doenças.

A desinformação gerada pelas fake news contribuiu para a rejeição à vacina e o receio dos

pais. No entanto, o médico acredita que a campanha de imunização infantil irá avançar. “Essa força de ideologias, incluindo política juntamente de ciência, confunde inclusive a gente, que recebe fake news e tem que ir checar para ver se aquele artigo realmente é sério ou é um artigo falsificado. (...) Eu acho que os pais ainda estão no receio quanto ao desenrolar dessa vacinação. Nos Estados Unidos, vemos que já passaram de 8 milhões de vacinados, e que a vacinação evolui sem intercorrências e sem efeitos colaterais graves. E acho que a população, aos poucos, vai pegar confiança e partir para vacinação em massa”. Confira trechos da entrevista:

Qual a importância da vacinação infantil?

“A vacinação de um modo geral é importante. Então, a gente vê desde os primórdios, quando começaram as primeiras vacinas, que evitamos muitas mortes e aumentamos expectativas de vida da população em geral. Estamos passando pela vacinação dos pequenos de 5 a 11 anos. Isso faz com que essas crianças evitem complicações, evitem mortes. Apesar dessas mortes serem em número muito pequeno, cada número desses é importante para cada família — não adianta a gente dizer que vai evitar 0,01% se naquela família, aquela criança é 100%.”

Por que, de repente, surgiu essa onda contra a vacinação, sendo que o Brasil tem uma história muito importante de imunização de crianças: nós conseguimos erradicar doenças terríveis como a poliomielite. De onde vem essa resistência em relação à vacina?

“Eu acho que a pandemia fez aflorar em algumas pessoas essa incerteza, a vontade de brigar, às vezes, sem ter um embasamento prático e teórico. Então,

eu acho que vem principalmente disso, dessa insegurança de ‘Ah, será que a vacina é segura?’, ‘Será que essa vacina não é segura?’. A longo prazo, o que será que essa vacina vai me causar?’. Acho que isso vem principalmente da incerteza, digamos que seja da ignorância, de não conhecer o embasamento científico, e, a partir disso, eles começam a lutar contra algo que a gente está vendo que melhorou bastante a vida da população. Após o início da vacinação dos adultos, a gente viu que diminuiu bastante o número de mortes, o número de hospitalizações. Tendemos a ir para uma vida normal.”

Você, como pediatra, recomenda a vacinação das crianças?

“Sim, a recomendação da vacina é essencial. Desde que o paciente nasce, no caso o pequeno bebê, ele já toma as primeiras vacinas nos primeiros dias de vida: hepatite B, BCG. Então, a partir daí ele segue um calendário vacinal evitando essas doenças. Acho que nós (pediatras) somos os primeiros especialistas a indicar esse tipo de terapêutica preventiva.”

Como é possível quebrar essa resistência em relação às vacinas? Eu sei que muito do que vemos hoje tem origem nas fake news, notícias falsas. Estava conversando com amigas que participam de grupos de pais pelo WhatsApp, e foi feita uma enquête nesses grupos, que, inclusive, têm pais médicos. Metade se mostrou a favor da vacina, outra metade contra. Alguns médicos contra a vacina, por quê?

“Eu acho que, às vezes, eles não convivem no dia a dia com esse tipo de paciente, com as famílias sofrendo. Então, eu acho que isso faz com que você não acredite no que está acontecendo realmente. Em segundo lugar, eu acho que essa força de ideologias, incluindo política juntamente de ciência, confunde inclusive a gente, que recebe fake news e tem que ir checar para ver se aquele artigo realmente é sério ou é um artigo falsificado. Chegam artigos muito bem falsificados, que deixam até a gente em dúvida. Quando acessamos no próprio site da revista, a gente vê que aquele artigo realmente não existe.”

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Os pais ainda estão no receio quanto ao desenrolar dessa vacinação (...) Creio que a população, aos poucos, vai pegar confiança e partir para vacinação em massa”

“Acho que isso vem principalmente da incerteza, digamos que seja da ignorância, de não conhecer o embasamento científico, e, a partir disso, eles começam a lutar contra algo que a gente está vendo que melhorou bastante a vida da população”

Desde quando começou a vacinação no Distrito Federal, optou-se por vacinar os meninos e meninas de 11 anos e as crianças com comorbidades de 5 a 11 anos — esse público é estimado em 60 mil pessoas, e até agora pouco mais de 5 mil se vacinaram, é muito pouco. Por quê?

“Eu acho que os pais ainda estão no receio quanto ao desenrolar dessa vacinação. Nos Estados Unidos, vemos que já passaram de 8 milhões de vacinados, e que a vacinação evolui sem intercorrências e sem efeitos colaterais graves. Creio que a população, aos poucos, vai pegar confiança e partir para vacinação em massa. Eu acredito que vamos atingir as metas de vacinação de uma forma geral.”

É uma dose pediátrica ou é uma dose de adulto que foi apenas reduzida a quantidade? E os efeitos colaterais no futuro para crianças dessa faixa etária? Existe alguma mudança na composição?

“Quando a gente pensa nas medicações tipo amoxicilina, a mesma que damos para o adulto damos para a criança, só que em doses menores. Então, foi o mesmo que ocorreu com a vacina. A gente tinha 30 microgramas para

o adulto, foram feitos testes com 20, 15 e 10, e foi visto que o de 10 tinha maior imunogenicidade e segurança social para crianças. Então, do ponto de vista de adequação para criança, está correto. É o que foi feito para tentar diminuir os efeitos colaterais indesejados da vacina, foi espaçar mais esse espaço entre as duas doses.”

O que se sabe até agora sobre a eficácia da vacina nesse público infantil? Ela é realmente eficiente? Ela cumpre o objetivo dela?

“Pelo o que está se vendo nos Estados Unidos, sim. A população pediátrica de lá está se vacinando e está diminuindo bastante o número de casos.”

O quadro hoje é mais grave para as crianças do que foi na primeira e segunda onda?

“Em termos de covid, não. Observamos a baixa gravidade e a baixa internação. O número de crianças internadas por conta de covid, ontem (segunda-feira), no HMIB, na ala desse tipo de doenças, era de apenas cinco crianças — a maioria com quadros respiratórios, mas sem necessidade de UTI.”

*Estagiária sob a supervisão de Adson Boaventura

Obituario

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 18 de janeiro de 2022.

» Campo da Esperança

Anselmo Pereira Araújo Junior, 93 anos
Aurelice Bezerra Aragão, 81 anos
Beatriz Rodrigues de Matos, 86 anos
Bernardina Bezerra Curvina, 98 anos
Edson Barbosa Soares, 60 anos
Fernando Lima de Santana, 53 anos
Francisco Jorge de Oliveira, 84 anos
Guiomar Bezerra da Silva, 85 anos
Hebert Moraes Tores, 48 anos
Humberto Hermes Hoffmann

Filho, 66 anos
José Coelho Sobrinho, 84 anos
Leonidas Lopes dos Santos, 55 anos
Manoel Porfírio, 83 anos
Maria do Carmo Araújo Câmara, 85 anos
Maria Lemos, 89 anos
Maria Natália Guimaraes Prieto, 78 anos
Wilma dos Santos Wanderley, 83 anos

» Taguatinga

Bruno Furtado de Sá, 23 anos
Demerval Brito Machado, 73 anos
Erenita Soares dos Santos Oliveira, 91 anos

Ewerton Alves Rocha, 23 anos
Francisco Fernando Teixeira Lima, 75 anos
Genilda de Souza e Silva, 86 anos
Geraldina Francisca Pereira, 76 anos
Jesus Cardoso da Silva, 77 anos
Jonas Zandona, 47 anos
Josué Barbosa Campos, 53 anos
Leda Marques Pereira, 60 anos
Maria Salette Chaves de Andrade, 74 anos
Andreia Ramos Rodrigues, menos de 1 ano

Olberina Pires Lino, 78 anos
Raimundo Pereira da Silva, 62 anos
Samuel Antony Lopes Figueredo, 14 anos
Tatiane Rodrigues de Oliveira, 38 anos
William Machado da Conceição, 56 anos

» Gama

Antônio Rodrigues Neto, 68 anos
Elísio Silvestre Neto, 88 anos
Esmeralda de Souza Borges, 65 anos
Maria Clara Ribeiro Barros, menos de 1 ano
Nair Henrique do Carmo, 77 anos

» Planaltina

Luiz José de França, 68 anos
Marinalva Rocha da Silva, 60 anos
Nilsa Maria da Conceição do Nascimento, 78 anos

» Brazlândia

Cecília Ferreira de São José, 93 anos
Hermes Souza de Araújo, 56 anos
Marisa Kelly de Faria, 17 anos

» Sobradinho

Clemio da Silva, 43 anos
Indiro Gandi, 53 anos
Kobe Odaguiri Enes, 52 anos
Odette Pedalini Ricco, 96 anos
Rosameira dos Santos, 61 anos

Silvio Estevão, 48 anos

» Jardim Metropolitano

Levy Melquisedec Tavares Santos, menos de 1 ano
Celestino Pereira Rosa, 75 anos
Ivanilde dos Santos Mudesto, 69 anos
Mariana Trindade Altoé, 76 anos (cremação)
Livia Reis de Sousa, menos de 1 ano (cremação)
Luiz Roberto Dias Magalhães, 71 anos (cremação)
Maria Alice Palankof, 83 anos (cremação)